

Resenha

Julia Leslie and Mary McGee (eds.), **Invented identities: the interplay of gender, religion and politics in India**. New Delhi: Oxford University Press. 2000. 309 pages. Rs. 495

Sabrina Alves¹

Esta obra é fruto dos estudos da Ciência da Religião. Especialmente do grupo SOAS (School of Oriental and African Studies). A *SOAS University of London*² é a única instituição de ensino superior na Europa especializada no estudo da Ásia, África e Oriente Próximo e Médio. O destaque para esta informação, muito antes da apresentação do livro, ocorre para evidenciar a importância da obra não só para a Ciência da Religião, mas para o lugar que surge no cruzamento de linhas de pesquisa como gênero, Ásia, religião e política, que é ainda tão escasso no Brasil, e que pode contribuir muito para expansão da área.

Invented identities: the interplay of gender, religion and politics in India infelizmente não tem tradução no Brasil. Mas traria grandes contribuições se tivesse, mesmo que sua última edição date do início dos anos 2000. O livro examina a construção de identidades e dos papéis de gênero nos mais diversos contextos, religiosos, culturais, médicos (leia-se saberes locais de saúde), jurídicos e sociais da Índia. Aborda, especialmente, a construção do que podemos aproximar chamando de “identidades de gênero” em regiões e períodos históricos em textos da moral e ética indiana, como os Vedas. Além de abordagens cujos temas são frequentemente negligenciados pela chamada escola de estudos orientalista (europeia e até indiana), como o caso de práticas populares e tribais envolvendo ambiguidade de gênero na possessão espiritual, casta e intocabilidade nas narrativas locais e violência comunal.

Pretende, sem dúvidas, ampliar a compreensão de como as identidades de gênero foram “inventadas”, sendo valorizadas em determinados momentos e invisibilizadas em outros. As aspas aqui se fazem necessárias para que não se imagine que se trata de um projeto. As identidades de gênero, e é isso sobremaneira que o livro revela, são construções que refletem seus contextos históricos, religiosos e regionais na Índia. Nota para destacar o lugar da religião nessa produção das identidades de gênero no sul asiático. O que para a área da Ciência da Religião no Brasil seria o campo vasto de investigação, já que experimentamos, atualmente, em nosso contexto social, a medicalização das identidades de gênero alternativas

¹ Mestre e Doutoranda Ciência da Religião PUC/SP. alves.sabrina@gmail.com

² <https://www.soas.ac.uk>

pelo senso da medicina, e o mesmo discurso absorvido pelas religiões institucionalizadas para reforçar a retórica binária de gênero.

A obra é composta por ensaios que exploram o como as identidades de gênero são ritualizadas por meio da linguagem, performance ritual, narrativa popular e as características de impacto na política. Ou uma investigação sobre a dinâmica de gênero no sul da Ásia, e a intersecção das vivências ambíguas de gênero e religiosas. Porque se esforçam em ir além do foco nos papéis de gênero, particularmente do das mulheres, ao tentar examinar a complexidade no processo de construção das identidades nos cruzamentos de castas, pois muitas vezes são reinventados, estereotipados, manipulados e até mesmo revertido por meio do uso da linguagem, política, narrativa e por fim, no processo ritual.

Para quem não esteja familiarizado com a nomenclatura papéis de gênero têm sido largamente associados com base em funções sociais e econômicas, enquanto identidades de gênero têm sido entendidas com base na sexualidade e função reprodutiva. Isso sem mencionar a generificação com base na genitália. Logo o que se observa é que em sociedades como as da Índia, novas regras, novas estruturas ou mitos são inventados, criados ou remodelados quando não há uma estreita associação entre papéis de gênero e as identidades de gênero. Há um apelo implícito no livro sobre como os estudiosos envolvidos na política de representação precisam olhar não apenas para as representações de feminilidade e masculinidade, mas que redirecionem o foco para as estruturas que controlam e constroem essas representações.

Estrutura

A obra é composta por 11 ensaios. Todo material é organizado pelas pesquisadoras Julia Leslie e Mary McGee. Leslie foi uma importante feminista cujo trabalho influenciou os estudos hindus, estudos de gênero e o estudo do direito hindu. Dra. Isobel Julia Leslie (1948 - 2004) foi Professora de Estudos Hindus na SOAS de 1990 até sua morte, servindo como Pró-Diretora de Graduação em 1997-98. O trabalho conta ainda com uma robusta introdução e de grande impacto da professora Mary MacGee, que certamente faz toda a diferença para todos e todas interessadas em começar a saber mais sobre o objeto do livro mas nunca leu nada sobre o tema antes.

A maioria dos textos são versões revisadas de trabalhos apresentados na conferência sobre Gênero, Religião e definição Social organizado por Leslie sob a batuta do SOAS em 1996. A filiação dos autores é bem diversa, na verdade. Porém, com eixo norteador Ásia, religião e gênero. Eles vêm das áreas de religião, história da Índia, ciência política, estudos de gênero, antropologia, sociologia, sânscrito, estudos budistas.

Sally J. Sutherland Goldman em *Speaking gender: vac and the vedic construction of the feminine* analisa as construções védicas do feminino, dando especial atenção à linguagem, fala e gramática. Na esteira do pensamento da escola orientalista ocidental branco, Goldman foca centralmente em estudos de críticos teóricos e pós-estruturalista. Por exemplo, lê a palavra 'vac' em um esforço para entender suas construções tradicionais de um ponto de vista diferente. Goldman expõem e examina a obsessão da elite masculina na antiga cultura bramânica com fala e gramática (fatos relevantes para leitura do contexto patriarcado Bhramânico). O contexto de sua análise é sobre como os brâmanes controlavam a sociedade limitando o acesso ao sânscrito às demais castas da mesma forma que limitavam o acesso às mulheres para mantê-las puras, perfeitas e livres de corrupção. O que fica claro em Goldman é como a linguagem, a fala e a gramática são sexualizadas e generificadas elaborando a relação entre elas.

Robert Goldman em *Language, gender and power: the sexual politics of language and language acquisition in traditional India* retoma vários dos temas do ensaio de Sally Goldman; dando especial ênfase no como a linguagem tem papel marcador de status, prestígio e poder em diferentes períodos da história e da literatura indianas. É um arco bem grande se pensarmos a história Indiana. E de que história estamos falando – a colonialista ou a nacionalista? Mas ele usa para ilustrar a coletânea de lendas *Knthasaritsagara*³ do poeta Samodeva Bhatta, em que uma mulher tem um domínio sobre o sânscrito, o que lhe dá poder, um status que normalmente não é acessível às mulheres ilustrando a intersecção de gênero, linguagem e poder como forma de estabelecer hierarquias. Interessante é que ele demonstra como os brâmanes, os mogóis e os britânicos ligavam da mesma maneira o domínio da linguagem ao domínio dos mundos.

Já a dupla, velha conhecida dos estudos de gênero e Ásia, Leonard Zwilling e Michael Sweet em *The evolution of third-sex constructs in acienent India: a study in ambiguity* assim como em outras obras suas, partem buscando as referências das construções da sexualidade gênero na Índia pré-clássica nos textos monásticos da literatura jainista e budista, entre outras fontes. É uma metodologia um tanto interessante, já que eles partem em busca de referências usando a inferência da lente ocidental para encontrar similaridades com nosso entendimento sobre identidades de gênero e sexualidade.

³ Samodeva Bhatta era um poeta sânscrito da Caxemira que viveu aproximadamente no século XI. Certos fatos de sua vida não são comprováveis e a biografia de sua vida é reconstruída hoje apenas por fontes indiretas. O *Kathsarits-gara* (outro nome "Oceano dos Streams of Stories") é uma famosa coleção do século XI de lendas indianas, contos de fadas e contos populares contados em sânscrito por um Shaiva Brahmin chamado Somadeva. Um fato interessante é que o trabalho foi compilado para o entretenimento da rainha Suryamati, esposa do rei Anantadeva da Caxemira. O trabalho consiste em 18 livros onde o principal conto é a narrativa da aventura de Naravahanadatta, filho do lendário rei Udayana. Um grande número de contos é construído em torno desta história central, tornando-se a grande coleção existente de contos indianos.

Porém, não se pode negar que os autores fizeram um excelente uso de antigos textos eruditos do Ayurveda, estéticos e jurídicos que são informados por apontar as opiniões religiosas e visões de mundo de seus tempos. Eles trazem à luz nomenclaturas pouco ou nada conhecida do público ocidental, como Napunsak(a) cujo significado varia muito de acordo com o tempo e circunstância e pode indicar uma pessoa intersexo, e pode ser feito uma inferência já que a tradução ao pé da letra significa “*not a male*”. Mas também se subdivide em pandakatva, indicando alguma incapacidade de reprodução, desde impotência, mas também, se a pessoa em questão mantém relações sexuais incapaz de gerar filhos, o que pode ocorrer também com sexo entre pessoas do mesmo sexo. Há outras subdivisões mencionadas interessantes para compreender a dinâmica. Bom observar nos apontamentos do texto é que existem categorias fundamentais do que pode ser chamado de pensamento social hindu que é demarcado por gênero.

Mikael Aktor, no artigo *Untouchables, women and territories: rituals of lordship in the Parasara Smrti* examina a prática da intocabilidade. Ele olha para a relação entre mulheres e a terra. Mas no sentido das mulheres como campos e a terra, numa estreita relação da mulher como mãe, mas sendo a deusa elas próprias. O que é deveras interessante já que ele está falando de mulheres dalits, a última casta em hierarquia hindu. A homologia comum é a da fertilidade. O autor usou o Dharmashastras⁴, texto de base jurídica, como a fonte principal. Aktor examinou as mulheres como meios básicos de reprodução, as principais fontes de sustento e aumento para os domínios do senhorio. Quanto aos territórios (por exemplo, Paquistão, Malásia, África Oriental) houve segregação dos intocáveis e no parentesco houve sanções contra as relações sexuais com os intocáveis. Estas eram as áreas onde a influência dos intocáveis era particularmente crítica.

From Nayika to Bhakta: a genealogy of female subjectivity in early medieval India de Daud Ali traça o movimento Bhakti para ideologias da corte que usavam as mulheres como principais referências do prazer mundano. Imagem que também foi utilizada pelas ordens renunciatórias emergentes para condenar o apego aos objetos dos sentidos. Com a ascensão do Shaivismo e do Vaishnavismo, a nayika, que como uma amante feminina autônoma no Kamasutra, transforma-se em um bhakta, uma espécie de contraposição frente às linhagens

⁴ Dharma-shastra, (sânscrito: "Ciência da Justiça") antigo corpo indiano de jurisprudência que é a base, sujeita a modificação legislativa, da lei familiar dos hindus que vivem em territórios dentro e fora da Índia (por exemplo, Paquistão, Malásia, África Oriental). O Dharma-shastra não se preocupa principalmente com a administração legal, embora os tribunais e seus procedimentos sejam tratados de maneira abrangente, mas com o curso correto de conduta em cada dilema. Alguns princípios básicos do Dharma-shastra são conhecidos pela maioria dos hindus criados em um ambiente tradicional. Essas incluem as proposições que os deveres são mais significativos do que os direitos, que as mulheres estão sob tutela perpétua de seus parentes mais próximos do sexo masculino, e que o rei (ou seja, o estado) deve proteger os súditos de todo mal, tanto material quanto material.

em crescimento, investido de novo significado de servidão, assim gerando a devoção como feminina e o senhor como homem.

Pierced by Love: Tâmil possession, gender and caste, Gênero e Casta Karin Kapadia, traz um interessante relato etnográfico do festival de Murugan. Maior festival religioso de uma grande aldeia tâmil. Através dos fascinantes detalhes dos rituais de piercing corporal e possessão divina. Enquanto a possessão e o piercing divinos podem simbolicamente apropriar-se não apenas dos corpos, mas do ser de gênero das mulheres, tornando-se seres andróginos; e aos homens incorporam perfeitamente às mulheres divinas, em grande parte proibidas de transmutar seu gênero mesmo que temporariamente, devendo permanecer "apenas" seres femininos, marginais e incompleto.

A principal contribuição de Willian S. Sax em *Gender and the representation of violence in Pandav Lila* é com como instanciações do dharma das castas Ksatriya / Rajput. A violência é mais uma característica de casta do que uma característica de gênero (252-264). Um pouco no mesmo sentido Amrita Basu em *Engendering communal violence: men as victims, women as agents* aborda sobre a atribuição de traços masculinos ou femininos a comunidades inteiras, ou especificamente em homens dessas comunidades. Ela analisa a identidade sexual das identidades comunitárias na Índia, observando os estereótipos em homens onde "raças marciais" são lidos como masculinos / agressivos, e os não-marciais como femininos / passivos. Tais marcadores foram promovidos pelos colonialistas e depois apropriados por líderes nacionalistas religiosos como o M.S. Golwalkar, que capturou essa remodelação das masculinidades e exortou os hindus a superarem sua "natureza efeminada" a fim de combater os muçulmanos e proteger suas mulheres, suas propriedades e seus direitos.

Numa análise sobre feminilidade, Patricia Jeffrey em *Identifying differences: gender politics and religious community in rural Uttar Pradesh* traz com dados etnográficos perspectivas sobre a "harmonia" comunal em Bijnor. Suas evidências falam sobre como o sexismo cotidiano e comunalismo são retroalimentados por estereótipos, como compressão para com os homens, e o não desejo de trabalhar fora de casa pelas mulheres. Ela aponta que seria essa correlação de circunstâncias de identidade social, religião, classe, casta e etnia a razão para não haver quebra de paradigmas e nem mudanças. As circunstâncias muitas vezes atraem a lealdade de uma dimensão da identidade comunal para as identidades de primeiro plano e de gênero e, em seguida, ocupam um lugar secundário.

Os ensaios deixam claro que precisamos expandir e complementar os estudos sobre os papéis e corpos, com estudos mais concentrados e explícitos sobre as construções da masculinidade e feminilidade se quisermos desenvolver uma história abrangente e sofisticada de gênero na Índia e no mundo.

Por meio dos ensaios e estudos seminais de McGuee, Goldman, Zwillling, Aktor, Ali, Kapadia, Sax, Basu, Jeffrey e outros não mencionados aqui nesta resenha, mas presentes na obra, é possível ver como os papéis e identidades de gênero mudaram no sul da Ásia sob o domínio colonial, e na Índia independente pós-colonial. Definitivamente uma grande contribuição para ciência da religião e estudos de gênero e Ásia.